



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E AS PULSÕES DE MORTE NO ROMANCE O
OITAVO SELO: QUASE ROMANCE DE HELOÍSA SEIXAS**

RUAN IGOR SILVA DE ARAÚJO

CATOLÉ DO ROCHA - PB

Dezembro de 2019

RUAN IGOR SILVA DE ARAÚJO

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E AS PULSÕES DE MORTE NO ROMANCE O
OITAVO SELO: QUASE ROMANCE DE HELOÍSA SEIXAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

CATOLÉ DO ROCHA - PB

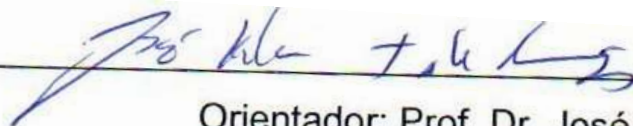
Dezembro de 2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

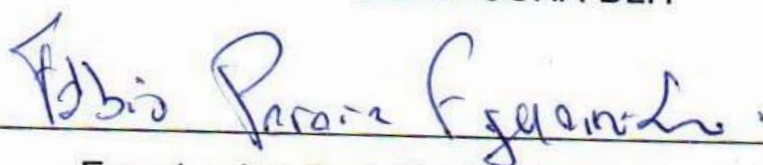
A658r Araújo, Ruan Igor Silva de.
A representação da morte e as pulsões de morte no romance o oitavo selo: quase romance de Heloísa Seixas [manuscrito] / Ruan Igor Silva de Araujo. - 2019.
34 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Freud. 2. Pulsões. 3. Vida. 4. Morte. 5. Psicanálise. I.
Título
21. ed. CDD 869.9

RUAN IGOR SILVA DE ARAÚJO

**A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E AS PULSÕES DE MORTE NO ROMANCE O
OITAVO SELO: QUASE ROMANCE DE HELOÍSA SEIXAS**



Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo
UEPB- CCHA-DLH



Examinador: Prof. Me. Fábio Pereira de Figueiredo
UEPB- CCHA-DLH



Examinadora: Profª. Ma. Ana Paula Lima Carneiro
UEPB- CCHA-DLH

Aprovado em 02 de Dezembro 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, força propulsora de minha resistência. Por eu ser tão pequeno e não conhecer plenamente os teus caminhos, assim posso sempre ter a alegria de maravilhar-me. Também, como não há graça de Deus que não passe pela intercessão da Virgem Maria, ofereço a Ti, minha Mãe, esta pesquisa, assim como tudo em minha vida com o fim de que sirva para maior glória de Deus e o triunfo do teu Imaculado Coração no mundo.

A minha mãe, Rita Ana, reflexo para minha vida de força e resiliência.

A minha avó, Ana Dutra Neta.

Ao meu orientador, José Helber Tavares de Araujo, por todo conhecimento dividido nesses anos de pesquisas e sobretudo, por sua atenção, compreensão e humanidade emanada com gestos e palavras. Um grande e verdadeiro amigo.

A Joana Áurea, professora e amiga por quem nutro um imenso carinho.

A todo corpo docente do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus IV*, por todos os ensinamentos adquiridos no decorrer do curso. As minhas colegas, que me deram forças para continuar, em especial: Alina Fernandes, Raianny Lima, Ana Maria e Juliana Fernanda.

Aos funcionários da UEPB, em especial do Departamento de Letras.

A três grandes irmãos que Deus pôs nesta minha caminhada: Glauber, Yuri e George. Obrigado pela confiança de convivência, espírito fraterno e laço de amizade. Shalom!

A minha colega Ana Maria e sua família, eternamente grato pelos inúmeros acolhimentos, me dando mais que uma dormida, um alento de amor e um olhar novo sobre a existência humana. Como nunca conseguirei pagar tamanho gesto, me resta rogar intensamente pela vida de vocês.

Aos grandes companheiros motoristas de ônibus das cidades de Brejo do Cruz, Belém. do B. do Cruz e São Bento, de ontem e hoje; e os inúmeros anônimos (ao meu coração, considerados anjos), que paravam seus veículos na saída de Brejo do Cruz para Jardim de Piranhas, num gesto fraterno, oferecendo mais que uma carona, um olhar concreto de solidariedade.

À banca examinadora convidada, composta por Ana Paula Lima e Fábio Figueiredo, por aceitarem o convite de participar de um momento tão importante na minha vida e pelas contribuições que irão agregar ao trabalho.

Ó Deus, como são insondáveis para mim vossos desígnios! E quão imenso é o número deles! Como contá-los? São mais numerosos que a areia do mar, se pudesse chegar ao fim, seria ainda com vossa ajuda. (Sl 139, 17-18)

A REPRESENTAÇÃO DA MORTE E AS PULSÕES DE MORTE NO ROMANCE O OITAVO SELO: QUASE ROMANCE DE HELOÍSA SEIXAS

RESUMO

Conforme aponta Sigmund Freud, as pulsões consistiam em um movimento psíquico, pois seriam decorrentes de um *quantum* de energia que impelia o psiquismo à ação. Sabe-se que uma das temáticas da metapsicologia mais essenciais à obra freudiana é a teoria pulsional, esta que se desenvolveu para abrir caminhos aos estudos, alargando novas compreensões e concepções acerca do princípio pulsional. Então, nosso interesse, neste estudo, é compreender a partir da concepção freudiana de princípio do prazer e princípio da realidade, a modelagem da identidade do personagem do romance *O Oitavo Selo: quase romance*, e suas implicações no enredo. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo discutir e analisar a representação ficcional da narrativa que se configura na contradição entre vida e morte. Em outras palavras, seria verificar se o enredo possui elementos estruturais que apontem para uma visão cíclica ou fragmentada, observando se o conflito dramático em cada capítulo do romance realmente é instaurado pela imagem da ameaça de morte e como as demais ações se deslocam em função desta imagem. Assim, partindo da ideia norteadora de pulsão de vida e de morte, nos interessa saber se existe nesta relação outras possibilidades de abordagem psicanalítica do texto. Apresentamos na primeira parte do trabalho as primeiras noções de Freud sobre a teoria das pulsões. Na segunda, fundamentamos este processo com algumas considerações sobre Literatura e Psicanálise, como parte relevante a ser estudado. E por fim, estabelecemos uma abordagem psicanalítica de análise do romance, imerso na teoria do princípio do prazer, trabalhando com as pulsões de vida e de morte no corpo do texto literário, de modo a perceber que o aparecer destas tem importância na construção estrutural da narrativa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, analítica-interpretativa, tendo como teóricos principais: Freud (1920), Ferreira Netto (2017), Eagleton (2003), Chaves (2017), Birman (2018), Azevedo, Mello Netto (2015).

Palavras-chave: Freud. Pulsões. Vida. Morte. Psicanálise.

ABSTRACT

As Sigmund Freud points out, the drives consisted of a psychic movement, because they would be derived from a quantum of energy that drove the psyche into action. It is known that one of the themes of metapsychology most essential to Freud's work is the drive theory, which developed to open the way for studies, broadening new understandings and conceptions about the drive principle. So our interest in this study is to understand from the Freudian conception of the pleasure principle and the reality principle, the modeling of the character identity of the novel *The Eighth Seal: quasi romance*, and its implications in the plot. Thus, this article aims to discuss and analyze the fictional representation of the narrative that is configured in the contradiction between life and death. In other words, it would be to check if the plot has structural elements that point to a cyclic or fragmented view, observing if the dramatic conflict in each chapter of the novel is really created by the image of the

death threat and how the other actions move in function of this. Image. Thus, starting from the guiding idea of the drive of life and death, we are interested in whether there are other possibilities for psychoanalytic approach in the text. In the first part of the paper we present Freud's first notions about the theory of drives. In the second, we base this process with some considerations on Literature and Psychoanalysis, as a relevant part to be studied. Finally, we establish a psychoanalytic approach to the analysis of the novel, immersed in the theory of the pleasure principle, working with the drives of life and death in the body of the literary text, in order to realize that their appearance is important in the structural construction of the novel. narrative. It is a bibliographical, analytical-interpretative research, having as main theorists: Freud (1920), Ferreira Netto (2017), Eagleton (2003), Chaves (2017), Birman (2018), Azevedo, Melo Netto (2015).

Keywords: Freud. Pulsions. Life. Death. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AS PULSÕES NA TEORIA FREUDIANA.....	9
3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA E PSICANÁLISE	14
4 MORTE E VIDA EM <i>O OITAVO SELO: QUASE ROMANCE</i>	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir das leituras que foram realizadas no projeto de Iniciação Científica, no curso de Letras da UEPB, *Campus IV-Catolé* do Rocha, sob orientação do professor José Helber Tavares de Araújo. Durante os dois anos de pesquisa (2017-2018), pudemos conviver intensamente com a produção literária contemporânea, já que o projeto visava compreender como se davam as formas romanescas do período de 2013 para os dias atuais. Foi neste contexto que tomamos conhecimento do livro *O Oitavo Selo: quase romance*, de Heloísa Seixas. Este livro, embora não estivesse nas questões centrais desenvolvidas no projeto de Pibic, chamou-nos muita atenção pelo trato dado a questões existenciais e psicológicas diante das dificuldades da vida.

De um modo geral, o romance, parafraseando o *Sétimo Selo*, filme de Ingmar Bergman, narra sete encontros com a morte do conhecido escritor Ruy Castro. No entanto, a forma com que a Morte se materializa na vida de Ruy não tem nada em comum com o filme sueco, pois ela aparece não como uma mortalha jogadora de xadrez, mas sim como doenças e vícios. Apesar disso, cada encontro, ou cada selo, é no fundo, uma partida de xadrez em nome da vida que o protagonista Ruy joga.

O fato de o subtítulo do livro ser dado como um “Quase romance”, nos dá a dimensão da consonância deste livro com a estética literária contemporânea. Se analisarmos bem, perceberemos que uma das tendências dos romances atuais é o trabalho com a biografia/autobiografia, tentando deixar difusa os referenciais da narrativa, em que o autor e narrador se confundem o tempo todo. O fato do texto da Heloísa se encarnar como um “quase romance”; significa também que é uma quase biografia, e isto tem também um grande significado para a história já que o próprio protagonista é um biógrafo.

Percebemos na leitura do romance a força propulsora da narrativa, ou seja, seu eixo de desenvolvimento é o tempo inteiro sistematizado pela tensão entre a morte e a vida. Isso nos levou a buscar categorias teóricas em estudiosos que trabalham com tal questão. Selecionamos assim aquele que achamos que mais poderia ajudar na chave de leitura da categoria que escolhemos. A categoria: morte e vida. O teórico: Sigmund Freud. Escolhemos assim iniciar o trabalho, no primeiro tópico, expondo quais os fundamentos do pensamento freudiano sobre o que ele

denomina Pulsão de Vida e Pulsão de Morte. É interessante pensar que o trabalho com estes conceitos foi construído ao longo de toda a vida de Freud, havendo, muitas vezes, mudanças de perspectiva no decorrer das décadas. Longe de querer remodelar a teoria das pulsões, tentamos brevemente escolher questões que ajudaram a esclarecer pontos e passagens do romance. A partir daí que resolvemos escrever o segundo tópico, onde discutiremos alguns pontos importantes na relação entre Literatura e Psicanálise, sempre ancorado nas discussões sobre o texto. O terceiro e último capítulo, é o dedicado a análise propriamente dita da narrativa. Optamos por seguir um roteiro de discussão de como em cada capítulo aparecem os conflitos entre Eros e Tânatos.

Ao final do estudo interpretativo do romance, almejamos chegar a seguinte ideia: o romance *O Oitavo Selo* é uma narrativa que está elaborada, em seus aspectos de enredo, de narrador e de personagem, sob a ótica da tensão e do conflito entre os pares: Eros/Tânatos, Vida/Morte, Prazer/Desprazer, Autopreservação/Excitação? Acreditamos que ao final do estudo possamos dar esta resposta com chave-interpretativa da força estética do romance.

2 AS PULSÕES NA TEORIA FREUDIANA

A noção de pulsão concebida por Nietzsche (1844-1900) formulava que o espírito humano fazia parte de um sistema de pulsões que podia entrar em atrito ou se fundir, e mais ainda, ele atribuía um papel aos instintos sexuais, num dualismo de agressividade e autodestruição. Nessa perspectiva, em se tratando do pensamento freudiano, já depois do que Nietzsche havia dito a respeito das pulsões, Freud reformulou algumas coisas acerca da importância desse assunto, e fez do conceito de pulsão a sustentação da prática científica da psicanálise. Conceituando a pulsão (ou as pulsões), ele conseguiu estabelecer a conexão das relações entre aparelho psíquico com a libido (prazer libidinal) e o narcisismo, estabelecendo assim o tripé de sustentação da teoria freudiana da sexualidade.

É evidente que o conceito freudiano de pulsão não foi construído de maneira imediata, e sem idas e vindas nas suas reformulações, pois poderíamos dizer que há vários “Freuds” na obra de Sigmund Freud. Jean-Michel Quinodoz, por exemplo, em sua obra *Ler Freud*, de maneira didática, afirma existir a fase da descoberta da psicanálise, da década de 10; a fase da maturidade, que compreende os anos 20; e

a fase das novas perspectivas, dos anos 30 em diante. O seu principal texto sobre as pulsões, *Além do princípio do prazer*, é de 1920. Ou seja, é uma obra sobre a qual podemos afirmar, tomando a divisão didática de Quinodoz, que é de uma fase em que já há uma consolidação do pensamento freudiano em torno do conceito de pulsão, como quem fecha um ciclo de discussões conceituais.

A teoria pulsional tem um destaque muito importante na obra de Freud. Seu conceito foi elaborado de maneira cautelosa ao longo dos seus anos de trabalho. Para Freud, uma das teorias da pulsão envolve a questão do Ego e a questão sexual. Para ele, como veremos, uma das pulsões busca manter a espécie e a outra, a manutenção de conservação da autopreservação. Segundo Ferreira Netto (2017), Freud propõe o conceito metapsicológico de dois grupos de pulsões: as pulsões do Eu, cujo objetivo é a conservação do indivíduo, e as pulsões sexuais, cuja energia é de ordem libidinal e que tem como objetivo a consecução do prazer. Estas pulsões estão ligadas à satisfação das necessidades primárias de fome e amor.

Mas, afinal, o que seria a pulsão para Freud? Em termos gerais, podemos dizer que Freud elabora um paralelismo entre as excitações fisiológicas e as excitações pulsionais. Quando ocorre uma excitação fisiológica, como a fome, a sede e a necessidade de autopreservação diante de um perigo físico, há uma reação imediata, urgente e de “impacto único,” que faz o organismo, por reflexo, buscar a eliminação desta excitação. A excitação pulsional se diferenciaria por ser uma força constante, não-imediata, sem solução reflexiva, e que necessitaria de um outro tipo de resposta. Dirá Birman:

Por se caracterizar pela força constante, a excitação pulsional provocaria uma *perturbação* também constante no aparelho psíquico, que teria que dispor de uma outra modalidade de procedimento funcional para regulá-la. (...) Pode-se denominar essa excitação pulsional de necessidade. Seria isso o que estaria decisivamente em pauta no imperativo da força constante. Porém, como não se pode eliminar uma necessidade pela ação reflexa pura e simplesmente porque ela insiste e persiste, como uma força constante que se impõe de maneira irrevogável, as formas de regulá-la é encontrando outros meios para satisfazer suas exigências. (BIRMAN, 2018, p. 79)

Significa então que estes outros meios de satisfação das necessidades da excitação pulsional precisam ser encontrados sempre através de uma reorientação destas energias, descarregando continuamente, sob várias maneiras e em contextos

externos diferentes, aquilo que o organismo entende como perturbador de seu equilíbrio.

Assim, pulsão seria uma excitação perturbadora que o organismo humano tentaria atingir um grau mínimo de desarranjo. A vida seria assim uma busca constante por uma “paz” ambivalente, em que quanto mais controladas estas excitações mais a vida tenderia a uma suspensão da própria vida. Birman (2018, p. 83) diz, “O que nos enuncia essa filosofia de vida, afinal? Nada mais nada menos que o organismo não suporta se manter vivo e quer morrer, pois pretende, no limite, se livrar totalmente de qualquer excitação”. Seria então o organismo humano fadado a uma condição de mortalidade, já que não suporta as excitações perturbadoras da natureza humana e tende a se manter no imobilismo e estagnação, sendo a morte a sua condição mais profunda?

Em uma contraposição a esta condição humana, haveria uma força vitalista, que lutaria contra esta energia imunizadora de excitações presente no organismo. A vida, para se instituir enquanto tal, realizaria um combate permanente com as forças deste “princípio de inércia”. Para isso, haveria então um “princípio do prazer” que afirmaria a vida. A regulação dos nossos afetos e sensibilidades, seria então, uma constante e ininterrupta batalha entre estas duas forças propulsoras, de vetores diferentes: a sensação de prazer e a sensação de desprazer, em que seria necessária uma espécie de administrador destas pulsões no âmbito psíquico.

Assim, o aparelho psíquico teria sido de fato constituído para realizar o domínio das excitações pulsionais, impossíveis de serem reguladas pelo aparelho nervoso. Seria então uma insuficiência vital, materializada no aparelho nervoso, o que teria conduzido evolutivamente o vivente à necessidade de forjar o aparelho psíquico para lidar da maneira correta com as excitações pulsionais. Como outro aparelho, voltado agora para o domínio das excitações pulsionais, o psiquismo deveria regular essas excitações. Isso implica dizer que o aparelho psíquico tem por função diminuir as intensidades geradoras de desprazer, para que a homeostasia do prazer possa ser instituída no psiquismo de forma insistente e constante. Diminuir o desprazer e restaurar o prazer, portanto, seria as finalidades básicas do aparelho psíquico, pela mediação do princípio de constância. (BIRMAN, 2018, p. 84)

Teríamos então a seguinte compreensão da pulsão: uma relação de ligações sensíveis entre o psíquico e o somático, advindas do interior corporal e conduzida a serem trabalhadas no campo mental pelo aparelho psíquico. Qual seria então este trabalho? É o trabalho de delimitar as estruturações imagéticas, simbólicas e do

desejo envolvidos na vida do indivíduo. É o desdobramento da força da pulsão, sempre diversificada e imprevisível em seu grau, elaborada e reelaborada no aparelho psíquico, que vai criando representações, possibilidades de transferências, realizações práticas de eliminar o excesso pulsional, seja de morte ou de vida, presentes na existência humana.

Haveria então uma espécie de representação de uma conjunção de relações pulsionais trabalhados em forma de circuito, montados através de elementos heterogêneos que, postos em sistema de conjuntos, quando conectados, possibilita a “imagem” das formas de vida. O impulso, o alvo, o objeto e a fonte da pulsão seriam elementos característicos deste mosaico da vida psíquica. O impulso seria a força ativa da pulsão; o alvo é aquilo que percorre-se em busca interna da satisfação, ou como poderíamos dizer, a excitação específica a ser trabalhada; o objeto é aquilo que iremos construir em termos psíquicos ou da realidade empírica que satisfará as condições do alvo interior; e, por último, após o aplacamento das forças pulsionais, ficaria em evidência a leitura de sua fonte.

Interessante pensar como estas relações de suavização das forças pulsionais conseguem entrar em coerência direta com as ações clínicas da psicanálise, quando trabalhadas em seu sentido de “regressão” a partir da análise dos significantes do desejo. Partir do alvo das pulsões através das formas de objetos para se chegar na natureza da fonte pulsional. É também deste movimento que iremos buscar compreender como funciona o processo de constituição dos personagens do romance analisado sob o fundamento destas fontes pulsionais.

Para encerrarmos este primeiro momento teórico de nossa pesquisa, teremos que tocar no ponto de nosso maior interesse no processo: a substância da fonte pulsional. Já mencionamos anteriormente, como pulsão de vida e de morte, rebatizados aqui como pulsão de autoconservação (exclusão das excitações) e pulsão sexual (investimento na entrega às excitações). Talvez seja aqui necessário se deter um pouco mais na explanação.

O fato é que, para Freud, estas duas concepções teóricas de Pulsão (do eu e sexual), apresentam no final das contas a satisfação do homem, a vitalidade deste em buscar na vida cotidiana o bem estar para viver melhor cada dia e a satisfação dos desejos sexuais, com a finalidade de manter e garantir a espécie. Estas duas concepções aparelhadas no grupo de pulsões idealizadas por Freud vão ainda mais além, já que ao ampliar a reflexão ele coloca as pulsões sexuais no que é chamado

de 'princípio do prazer', ou seja, o norte do psiquismo humano é seguir o que proporciona prazer, e paralelo a isso, de evitar o desprazer. Assim sendo, esta é, sinteticamente, a configuração da pulsão sexual. Já a pulsão do Eu, é concebida pela denominação do "princípio da realidade", que é a face da realidade externa, as restrições necessárias para adaptação do que o mundo exige (por isso a análise do Id, Ego e Super-ego), para o entendimento sobre as pulsões de vida e morte desse contexto da metapsicologia freudiana. O que é importante perceber é que, com o tempo de investigação sobre a pulsão, Freud encontrou uma relação entre pulsão de vida com a libido, com a fome de amor, com as regiões erógenas. A sexualidade seria uma das grandes responsáveis pela organização do psiquismo humano através da pulsão de vida. Daí a sua aproximação com Eros.

A pulsão de morte, então, em contraposição, seria então entendida ou postulada por Freud como algo que levava a inanição, a ausência do novo, e, portanto, a falta de vida. Enquanto a primeira teoria agrupava as pulsões de autopreservação e de prazer sexual, trabalhando para o conceito de instintos naturais de sobrevivência e vida, essa segunda teoria da concepção de autodestruição, como o próprio nome já concebe, é a destruição da vida, do vazio desta e das coisas. Essa pulsão, segundo ele, levaria a eliminar os estímulos do organismo, e o que induz a esta tendência dizia respeito as forças externas as quais perturbavam o interior psíquico da pessoa, ou seja, o Ego. Portanto, estes caminhos que levariam à pulsão de morte estavam ligados aos instintos de conservação das coisas e a resistência ao desejo de mudança, perdurando assim a ideia de eliminação dos estímulos ao progresso, e impulsionando para uma pulsão que encontra no Super-ego a dureza exagerada e punidora, sendo ela responsável pela sensação de culpa interiorizada no Ego, que segundo Azevedo e Mello Neto, faz com que o sujeito se julgue merecedor de sofrimento. Afirmam os autores:

Daí que a primeira pulsão é de retornar ao estado inanimado, ao equilíbrio original. A função da vida é administrar esta tendência da melhor maneira, como diz Freud: o organismo deseja morrer apenas ao seu próprio modo. O objeto da pulsão de vida não é de tentar evitar a morte a qualquer preço. A vida se esforça para cumprir a missão até o fim, de forma natural, evitando que a morte venha de forma violenta, antes da hora, de modo não-natural. (...) O conceito de pulsão de vida, na terceira formulação, significou unificar a primeira proposta, das pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, numa única ideia de vida. Como pulsão de autoconservação, a pulsão de vida se encarrega de administrar a

caminhada do indivíduo em direção à morte, de modo como a natureza determina. E enquanto pulsão sexual, a pulsão de vida garante, através do sêmen germinativo, a imortalidade e permanência do ser vivo, como espécie, e não como indivíduos. (AZEVEDO, MELLO NETO, 2015, p.167)

Dados então estas coordenadas gerais dos significados das pulsões, passemos agora ao entendimento de como estas categorias metapsicológicas podem auxiliar no entendimento de um texto literário, seja em termos metodológicos, seja em termos de configuração textual dos conteúdos trabalhados.

3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA E PSICANÁLISE

É certo lembrar que a prática psicanalítica tem seus procedimentos e teorias psíquicas que delimitam, muitas vezes, seu campo no plano clínico. No entanto, o próprio Freud, como alguém que pensava este novo campo do saber, nunca deixou de se aventurar em aproximações entre a psicanálise e diversos campos das ciências humanas, das artes e da Sociologia, obras como: *O Mal-estar da civilização*, *Totem e Tabu*, *O Moisés de Michelangelo*, e na Literatura *Dostoiévski e o parricídio*, são alguns dos trabalhos em que Freud abandona seus estudos metapsicanalíticos e dos quadros clínicos, para buscar fazer com que a ciência da psicanálise se transformasse em chave de leitura mais ampla da realidade.

Durante muito tempo a chave psicanalítica para se fazer uma crítica literária se baseou em propostas de muita ousadia e pouco resultado, pois estas insistiam em recorrer a busca das neuroses do autor a partir dos textos, como se estes textos fossem a comunicação de um paciente em um divã. O texto literário era tratado apenas como uma expressão da linguagem simbólica de um indivíduo patológico, e ao crítico literário, de vertente psicanalítica, era dada a tarefa de os procedimentos catárticos que este indivíduo construiu. Ou seja, todo o processo de interpretação do texto literário estava subordinado aos ditames do recalque do autor.

Entretanto, no texto, *O paradigma estético de Freud*, Ernani Chaves aponta para o fato de que Freud, em seus textos sobre arte e literatura, teve sempre um cuidado em não reduzir por completo a obra à vida do autor, muito menos transformar as obras em mera fonte de prazer e gozo dos receptores. Em ambos os casos apontados, a questão meramente especulativa coloca o rigor crítico em dúvida. É por isso que é necessário uma atenção ao *modus operandi* da relação:

literatura e psicanálise. Tomemos esta passagem longa, mas necessária, de Chaves, para entender como se dará a nossa proposta teórica:

Ousaríamos dizer que essa espécie de “programa” – conflito psíquico, ligação com a cultura, e fundamento erótico libidinal – marca o interesse de Freud pelas artes, pelos artistas e pela literatura em especial. E que esse programa se desdobra à medida que os próprios conceitos psicanalíticos também se desdobram. Assim, por exemplo, em “Alguns tipos de caráter a partir do trabalho psicanalítico”, o conflito é assinalado como sendo entre “princípio do prazer” e “princípio de realidade”, do mesmo modo que Freud vai refinando cada vez mais seu vocabulário, na tentativa de escapar ao determinismo fácil e ao essencialismo reduntante. Daí que, nesse mesmo texto, ele já falará do aspecto decisivamente “construtivo” da análise, uma vez que se trata sempre de trabalhar a partir dos restos, dos resíduos das lembranças ou ainda do rastro, palavra que foi frequentemente traduzida, de maneira problemática, para “traço”. Por isso, só há construção porque o ponto de partida é construído por “restos”, por “rastros”, por “pegadas” que podem ser facilmente apagadas. (CHAVES, 2017, p. 30)

A passagem acima nos orienta, de maneira sintética, em termos teóricos deste trabalho. Tomaremos a ideia de programa como projeto de unidade textual de determinada obra, de como suas partes, substâncias de temáticas, cenas, sumários e montagem do narrador estão configuradas. Dentro deste constructo da linguagem, buscaremos entender o papel da temática de Eros e Tânatos, princípios freudianos, como equalizadores da narrativa. Ou seja, a obra *O Oitavo Selo: quase romance*, de Heloísa Seixas, tem como elemento estruturante o tratamento vida/morte das partes substanciais do seu texto, que garantem a complexidade da reflexão e o conflito existencial dos personagens.

Por outro lado, é neste sentido que os procedimentos psicanalíticos atuam em favor de uma crítica literária interpretativa: o olhar sobre a reelaboração dos objetos e alvos dos personagens nas passagens da narrativa que conduzem, através da técnica dos “rastros”, a uma chave de significação do texto literário.

Dito de outra maneira, trataremos o texto literário, em diálogo com a psicanálise, sob dois aspectos possíveis. Terry Eagleton (2003, p. 23), divide a crítica literária psicanalítica em quatro vertentes: a voltada para o autor, a voltada para o conteúdo, a voltada para a construção formal, e a voltada para o leitor. Nossa postura será envolver a interpretação da narrativa em análise pelas questões de conteúdo e construção formal. Eagleton (2003, p. 23), afirma: “A psicanálise de “conteúdo” – comentários sobre as motivações inconscientes das personagens, ou

sobre significação psicanalítica de objetos ou acontecimentos do texto”. Um dos aspectos então que trabalharemos é de como as pulsões de vida e de morte são representados no corpo do texto literário, de modo que se perceba que o aparecer destas pulsões tem importância estruturante na construção narrativa.

O outro aspecto diz respeito a construção formal. Ainda, Eagleton (2003, p. 23): “Assim como o texto-sonho pode ser analisado, decifrado, decomposto de sorte a revelar alguma coisa do processo pelo qual foi produzido, também se pode fazer o mesmo com a obra literária”. Há então, evidentemente, na obra literária, recursos formais dúbios, de conteúdo recalcado do signo, que precisa ser ordenado e encaminhado a significações aceitáveis a partir do trabalho do crítico com a forma de expressão. O papel então da interpretação da crítica literária psicanalítica é fazer com que a ressignificação da exposição da linguagem possa criar uma imagem consolidada da obra. Neste caso, utilizaremos como instrumentos categoriais, ou como chave de interpretação, as relações conflituosas de pulsão de vida e pulsão de morte.

4 MORTE E VIDA EM O OITAVO SELO: QUASE ROMANCE

Heloísa Seixas é uma escritora contemporânea, casada com Ruy Castro (protagonista deste ‘quase romance’); e é neste caso em *O Oitavo Selo: quase romance*, que ela se coloca também como narradora no enredo, isto é, participando da própria narrativa, esta que vai se desenrolando com as categorias de realidade e de ficção, desenhando fases da vida do seu companheiro, construindo um “quase romance” na perspectiva da linha: autobiografia. O romance trata basicamente de fatos ocorridos na vida do protagonista (Ruy Castro), mostrando as perturbações que desencadeiam em momentos diversos na vida deste, e tendo os “selos”, sendo nomeados como figuras simbólicas que representam cada parte do corpo; são elas (*sangue, nariz, fígado, língua, coração, sexo, cérebro*), que foram expostas a tensão e dor. Faremos então a seguir algumas interpretações sobre o romance *O Oitavo Selo: quase romance*, que serviu de material para analisarmos e assentarmos em conjunto com as teorias propostas e já debatidas.

O primeiro capítulo (selo) que o romance apresenta trata do protagonista, Ruy Castro, na infância e de um trauma vivido por ele nesta fase da vida com a

família, especificamente com uma irmã, que descobriu ainda criança, uma doença grave no esôfago. O símbolo deste primeiro capítulo (selo) da narrativa é o *sangue*, pois é nesta fase em que o personagem descreve o primeiro sentimento de morte ou de convivência com a morte, quando esta passa a ser a coisa mais temida por ele e seus familiares, cercado de tristezas e medo do pior, dada a gravidade física que a irmã se encontrava.

Neste primeiro capítulo identificamos que há alguns pontos de recorrência de uma visão que poderíamos assimilar a pulsão de morte, como por exemplo:

Depois do grito não lembro bem o que aconteceu. Só sei que ela estava brincando e, de repente, vomitou sangue no meio da sala, ou no corredor. Ficou uma poça no chão. Eu não vi, mas me contaram. Foi uma correria, alguém saiu para chamar um médico. Veio dr Cimini, um médico conhecido que morava perto da gente. Ele chegou e foi examinar Ana Maria. Depois, virou-se para meu pai, muito sério, e disse que eram varizes no estômago, ou no esôfago. É muito grave, falou. Ela precisava ir para um hospital no Rio. Quando ele disse isso, tive uma sensação estranha. Na mesma hora, olhei para baixo e vi meu peito, minha camisa, empapada, o sangue escorrendo. Eu também sangrava. (SEIXAS, 2014, p. 28)

A pulsão de morte se encontra quando o personagem percebe que está diante de um fato acontecido com alguém do mesmo *sangue* que ele, e não consegue cair a ficha que acontece ali envolta de sua vida, no seu seio familiar, tão próximo. Com o passar dos dias e do agravamento do estado de saúde de sua irmã, o personagem reconhece a morte de forma muito intensa, com a tristeza dos dias que Ana Maria (irmã) esteve internada, até o desfecho com a ligação recebida que comunicava a morte desta. Percebemos aqui que o personagem Ruy, ao acompanhar o definhamento da irmã, passa por uma tensão com as forças da vida. É como se o processo lento e contínuo do agravamento da irmã lhe fosse introduzindo o sentimento de medo, dor, sofrimento, quando confrontado internamente a visão da irmã vivaz e sadia com a irmã moribunda.

Em contraposição, há passagens interessantes que demarcam a representação de uma pulsão de vida, como se pode ver a seguir:

Ele ia a toda velocidade pela rua de paralelepípedos, já quase escura, onde ficavam os armazéns. O ar estava impregnado do cheiro dos grãos de café. Sentia o calor do selim entre as coxas, apertadas para manter a bicicleta firme, agora que ele pedalava sem as duas mãos. Era uma sensação boa essa, de desafiar o perigo, maior ainda na hora de atravessar a ponte estreita. Gostava disso,

de passar à beira do precipício, de ter a possibilidade de cair e não cair, de vencer e o medo, o ferimento, a morte. (SEIXAS, 2014, p. 31)

Passagens como esta são comuns no curso da narrativa, pois se constata uma vertente da teria pulsional e que mostra que a narradora se preocupa em inserir aspectos dessa natureza, mostrando que o enredo do romance, brinca, digamos assim, com ficção e realidade ao mesmo tempo, e que não se volta unicamente ao desprazer ou aspectos relacionados a morte, mas também para encontros (trechos) que evocam a vida e o prazer nas coisas encaradas pelo protagonista dessa narrativa.

No segundo capítulo do romance, percebe-se o drama do vício enfrentado pelo protagonista com a cocaína, daí portanto, este selo tem como símbolo o *nariz*. Foi nesta fase da vida que o personagem (Ruy Castro) teve um dos maiores embates com a morte, já que de início não achava ou não via problema usar esse tipo de narcótico. O hábito de usar foi se tornando cada vez mais frenético e desenfreado e o descontrole o levou a acreditar numa vidência de que morreria aos trinta e seis anos, ou até atingir tal idade.

O *nariz* se apresenta como símbolo deste enfrentamento com a morte porque é nesta fase da vida do personagem que os acontecimentos se desregulam e o vício na cocaína que parecia emitir animadamente prazer, estava levando Ruy ao afastamento das coisas prazerosas, o que parece ser ambíguo, pois o ritmo do consumo do narcótico o elevou a uma sensação de morte à medida que o uso se tornava intenso ou incontrolável a cada instante, tal como uma excitação da vida.

Neste capítulo identificamos que há alguns versos/trechos de recorrência a uma visão que podemos assimilar a pulsão de morte, como diz Seixas (2014, p. 38): “Presta atenção no que estou dizendo: ele vai morrer antes dos trinta e seis. E vai ser de droga – disse a mulher, muito séria, com seu leve sotaque espanholado. Era chilena.” E continua:

Com o cigarro entre os dedos, levantou e foi até o banheiro, onde se olhou no espelho em cima da pia. A cara até que estava boa. Mas o corpo parecia anestesiado, era como se estivesse impregnado, como se alguma coisa além de sangue corresse sob a pele. Sangue grosso. Uma coisa pastosa, dificultando o fluxo. (SEIXAS, 2014, p. 49-50)

A pulsão de morte é perceptível quando o personagem começa a constatar mudanças no próprio corpo, com alterações biológicas jamais sentidas. Ruy

caminha na fase da juventude achando que estaria fluindo para excitação da vida, com as sensações de prazer e vigor, mas que na verdade ou ao mesmo tempo, tudo estava se delineando para o espectro da morte. Eram sinergias de vida que desembocavam no prisma do desprazer, numa espécie de conflito da vida com a morte.

O início desse martírio para o protagonista, como evoca a primeira citação, se dá quando há um diálogo de um amigo de Ruy juntamente com uma mulher que fazia mapa astral, e esta previu a morte dele antes dos trinta e seis anos, e que a causa seria overdose. Já a segunda citação traz um símbolo diferente do início dessa vivência dele e a cocaína, pois já se desenhava um estado de agravamento ou atrito daquilo que o levava a vitalidade, àquilo que rompia para um estado de graves problemas de saúde.

Por outro lado, e obedecendo a um ritmo pendular da relação Eros e Tânatos, podemos destacar passagens interessantes que demarcam também a representação de uma pulsão de vida:

Mas da segunda vez foi diferente – bateu. Deu uma sensação de grande lucidez, de força física, onipotência, a ilusão de que se é capaz de tudo, ou quase. E eu disse para mim mesmo: Era isso que eu queria dizer! A cocaína movia montanhas de conhecimento e percepção, ou era o que parecia. Então, de repente, comecei a perceber: jornalistas, escritores, publicitários, astros de televisão, músicos, médicos, até jogadores de futebol – todo mundo que eu conhecia estava usando, todo mundo do meu meio, claro. (SEIXAS, 2014, p. 41)

O texto de Heloísa Seixas é feito de dualidades (altos e baixos), e isso é interessante, pois mostra o espectro da pulsão de prazer também, apresentando que o romance não se define em narrar a inércia e suas nuances, e sim de mostrar que a cada embate ou sensação de desprazer, inerente a todo ser humano, também é concebido o prazer da vida, os momentos de excitação positiva, o ápice da adrenalina que é também composição vital para a promoção do homem.

No terceiro capítulo inicia-se uma das maiores batalhas travadas por Ruy: o alcoolismo. Ainda jovem, com seus trinta e poucos anos, acabado de superar o vício da droga, mal imaginaria ele que o que viria pela frente seria, e foi, um dos maiores confrontos com a morte. Este capítulo configura-se por ser um dos mais extensos do romance, narrando a vida de Ruy. É importante lembrar que até o momento, a

narradora que expõe estes fatos ainda não era esposa de Ruy, sem ainda ter convivido nesta fase da vida com ele. Até aqui percebe-se assim um trabalho biográfico de recuperação do que foi a vida do personagem, com um arcabouço detalhista de como foi essa fase do alcoolismo na vida dele.

O vício no álcool chegou acima do limite na vida dele, dando sinais físicos (preliminares) de estar doente. Já não controlava mais a vontade/desejo, e como consequência disso, pairava o desequilíbrio na vida pessoal, fruto de um descompasso orquestrado pelo vício, um sentimento que corrompia a vida de Ruy toda vez que teve de se ausentar de compromissos, quando passou vexames em público, tendo assim a chegar a “aceitar” a própria internação na clínica para contornar tal situação. Ruy caminhava para a morte. Uma pulsão que provocava a vida(prazer), mas que se camuflava em gozo e prazer.

Neste capítulo identificamos que há alguns pontos de recorrência a uma visão que poderíamos associar a pulsão de morte, como podemos ver no trecho a seguir:

Ficou parado, a mão direita apoiada na parede, de azulejos, olhando para aquele espetáculo. Era sua casa, seu banheiro, mas parecia outro planeta. Pensou na irmã, as hemorragias, o rosto pálido, a morte. Mas no segundo seguinte afastou o pensamento. Não tinha nada a ver, era outra coisa, e ele sabia bem o que era. Respirou fundo, sentindo-se carregado, intoxicado, repleto de alguma coisa alienígena, que não deveria estar ali, preenchendo os espaços de carne. Precisava fazer mais uma vez, tentar arrancar aquilo de dentro de si. Botar para fora. Inclinou-se sobre o vaso e enfiou o dedo na garganta. O segundo jato veio ainda mais forte. Sangue escuro, puro, rubro, a louça branca tingida de vermelho. (SEIXAS, 2014, p. 80)

A pulsão de morte pode ser considerada o fio condutor de todos os acontecimentos, como uma força propulsora a fim de desencadear esses desprestígios de perturbação na vida de Ruy; nela, este reconhece em muitos instantes o quanto sua vida se desestabilizou. Foi no trauma da doença da irmã, foi com o vício na cocaína, e é nesta fase também, com o consumo descomedido do álcool (bebida).

Diante da narrativa e em contato com o enredo, podemos identificar alguns aspectos dessa pulsão, e que vai contextualizando e materializando os ‘sinais’ de morte, que aos poucos se avolumam. Este é um passo ou avanço dessa pulsão que corrompe a vida, a qual tratava o personagem como “objeto de manipulação”,

aparentemente se mostrava ativo, mas em sua realidade, era passivo diante da força destrutiva do excesso dos prazeres, os quais nada mais eram que o passo, quase incontornável para um caminho que já se naturalizava na vida dele: seria assim uma força ativa e constante trabalhando contra o homem.

Em contraposição, seguindo nosso raciocínio de que as duas pulsões estruturam a configuração do enredo, há passagens relevantes que demarcam a representação de uma pulsão de vida, como se pode ver nos trechos abaixo:

A mala já estava no carro. Ele pegou a máquina de escrever e o livro que pretendia traduzir durante o período em que ficasse na clínica: *O livro dos insultos*, de H.L. Mencken, um jornalista americano. Apagou o cigarro e desceu. Colocou a máquina no banco de trás e enfiou o livro na bolsa externa da mala. A mulher, ao volante, esperava, com o motor ligado. Só um instante – disse para ela. E tornou a subir. Foi até a cozinha, abriu o congelador e tirou de lá a garrafa congelada, recoberta por uma camada branca. Despejou o líquido oleoso em um copo alto, enchendo até a boca. Bebeu. Em seguida, repetiu o gesto. De novo. E de novo. Foram cinco copos. Sentia o líquido descendo deliciosamente pela garganta, como água – como o singelo significado da palavra vodka em russo: “Aguinha”. (SEIXAS, 2014, p. 85-86)

As citações clareiam a posição da outra vertente, em contraposição da temática pujante da morte, isto é, que se apresenta como ‘emblema’ da própria narrativa. Essa pulsão, embora seja o ponto alto da exposição de todos os fatos tristes ou apáticos que ocorrem na vida de Ruy Castro, possui também um impulso no qual induz a este, a reconhecer/perceber que em torno daquele sentimento aglutinado de tensões, se mostrava também uma face de possibilidade para se caminhar em meio a aridez que afligia o corpo e a mente. Dessa forma, Ruy buscou, nesse vazio, um “pacto” de transfiguração diante da perscrutação da morte, canalizando toda ou boa parte da “energia mortífera” que o deixava debilitado, para se tornar alguém que já dominava o dom/arte das letras na composição da escrita e o completasse, para se sentir vivo.

Percebemos que Ruy começa aqui a sentir uma mudança, pra melhor, ainda na clínica onde esteve internado. Foi lá que aconteceram mudanças na vida dele, coisas do tipo: orações e ouvir palestras de religiosos, que antes não faziam parte da rotina dele, mas que aos poucos foram se naturalizando e estabelecendo uma transfiguração pessoal, como se fosse parte de um “processo de cura” do alcoolismo. A citação a seguir demonstra a fase final de tal processo:

Era hora do recreio – um período vago entre duas palestras. Como não perdera a noção de tempo, sabia que era seu décimo dia de internação. Sentia-se muito bem. A tremedeira parara completamente. Pensou em aproveitar e dar uma volta, sozinho. (SEIXAS, 2014, p. 96)

Seguindo nessa linha de “mudança” de vida de Ruy Castro, o trecho a seguir aborda a fase de prazer, de uma excitação de vida, sentida por Heloísa:

Tornou a trabalhar feito um louco. E em pouco tempo já estava começando a pesquisar para seu livro *Chega de saudade*, que seria lançado dois anos depois. Ninguém podia imaginar a importância que esse livro teria na vida dele. Eu acompanhei tudo de perto, porque foi nessa época, fins de 1990, que nos conhecemos. Por causa do *Chega de saudade* e da repercussão impressionante que teve, Ruy tornou-se escritor. Biógrafo. Fico arrepiada ao pensar que se não tivesse parado de beber, ele nunca teria produzido suas biografias. (SEIXAS, 2014, p. 96)

No capítulo quatro, iniciava-se a batalha da luta contra aquele que seria o primeiro diagnóstico de câncer. A pulsão de morte que “tomava corpo” e se condensava no pescoço de Ruy, se apoderando de uma região tão sensível e importante para atuação de escritor: a fala, e que tem no selo a simbologia de uma das partes que compõe a cavidade interna do aparelho bucal, que era a *língua*.

Durante a narrativa do capítulo é possível perceber que Heloísa, já sendo companheira de Ruy nesta fase da vida dele, estando juntos há alguns anos, o conhecia nos mínimos detalhes. Cuidadosa, era sempre uma marca de Heloísa, talvez fosse assim, ou ficasse assim, em virtude do que o companheiro já tinha vivido e ter presenciado muitos fatos. Uma mulher vigilante, alerta a qualquer descompasso na vida do companheiro.

Certa vez, Heloísa notou algo em desconformidade com a realidade do marido. Ele, que adorava comidas muito salgadas, já não dava mais conta disso. Ao levar Ruy ao médico clínico geral e posteriormente a um especialista, descobriu-se o que Heloísa já temia: o horror de ter que vivenciar o caminho mortal novamente. A morte tentava, mais uma vez, se apoderar de Ruy e também de sua companheira, desidratando a vida dos dois, martirizando o homem que há tão pouco tempo tinha se “despedido” de uma outra energia, que tentava também extrair o prazer e o brilho dele, e conseqüentemente, de sua companheira, Heloísa.

Neste capítulo identificamos que há alguns pontos de recorrência a uma visão que poderíamos associar a pulsão de morte, como veremos nos trechos a seguir:

A frase dita pelo médico, ainda segurando a pistola com uma microscópica câmera na ponta, parecia uma boa notícia. Mas não era. O homem não sabia, mas a mulher, sim. Ela prestava atenção em tudo. Prestava atenção em coisas demais. Os detalhes, sempre os detalhes. Aquelas antenas que pareciam contar tudo o que queria saber – não paravam de captar sinais. Os médicos não mentem, apenas omitem. Os médicos só dizem aquilo que o paciente pede para ouvir. Há os eufemismos, os disfarces. Especialistas, não oncologista. Nem câncer, nem tumor – lesão. (SEIXAS, 2014, p. 105-106)

A morte desafiava a vida de Ruy com uma voracidade enorme. Parecia tomar posse ou se alimentar do prazer do homem que sempre curtiu a vida satisfazendo suas vontades, e fazendo uma coisa dentre as quais que atingia o ápice da satisfação, e o fazia se sentir vivo, que era realizar sua arte e compartilhar a felicidade de sua atuação no mundo das letras.

As passagens selecionadas descrevem o início daquela que foi a primeira batalha contra o câncer, nesta fase, um tumor que havia se espalhado, e era metástase. A descrição com o cuidado de exemplificar nos mínimos detalhes revela a atenção e a segurança de quem conviveu com um homem que já tinha sentido, até então, no mínimo, três ‘encontros’ com a morte.

Heloísa era mais do que uma mulher e companheira, era o suporte que se atrelava a vida de Ruy para ter que viver junto a ele as tensões que ele foi provado a viver, e juntos romperem as fases de arrepios que a pulsão de morte tentava emparedar e embalar na vida de ambos. Não há como dissociar esses acontecimentos e nuances da vida de Ruy Castro sem colocar a vida de Heloísa como àquela que teve um papel primordial e sagaz de viver e não e separar a pulsão de vida e de morte a que estavam sujeitos.

Em contraposição ao que foi dito acima, há passagens interessantes que demarcam a representação de uma pulsão de vida, como podemos verificar nos trechos a seguir:

Facas, agulhas, carne viva. Ruy sofria. Mas passava o dia escrevendo, horas e horas, como se assim estivesse dentro de uma redoma, a salvo de todo o mal. Não havia cansaço, nem dor. Era

como se ele fosse um cérebro, usando aquele corpo alquebrado para se manifestar. O corpo era seu cavalo. (SEXIAS, 2014, p. 119)

As citações acima descrevem dois momentos de transição dentro do tratamento ou do enfrentamento da vida de Ruy sob o prisma da morte. No primeiro trecho percebemos o olhar sempre atento de Heloísa, externando mais uma vez a artimanha, como uma sacada, que Ruy detinha em seu poder para viver em consonância com a fase real e difícil, por ele encarada; o ritmo de trabalho dele não diminuía nem na dor, mas era isso que o anestesiava, digamos assim, da inanição, do complexo recorrente de morte. O prazer e a vida de Ruy estavam concentrados por ele não no momento crônico vivido com a doença, pois ele vertia a fase, irrevogavelmente crítica (era assim, era realidade), mas se detinha no preenchimento que o trabalho da escrita impulsionava a viver.

Já no segundo trecho destacado dessa visão, podemos perceber que, ainda nesse ambiente denso/árido, impregnado pela pulsão de morte, o final do tratamento ou o pós tratamento de quimioterapias, radioterapias e afins, mostra o tamanho do prazer, quase inenarrável, em que Ruy sente a liberdade do terror que o afrontou por tantos meses, e que, naquele momento, extravasava suas emoções e vontades mergulhando de prazer ao experimentar uma comida, algo que podia parecer tão simples, mas que se tornava real, algo que a pulsão de morte tentou tomar dele a sensação natural da saciedade, e o prazer voltava a envolver novamente a vida de Ruy Castro, imbuído num sentimento de vitória.

O capítulo cinco do romance é mais um dos sucessivos selos em que a morte chega assolando a vida de Ruy, e também, de quem está ao seu lado. No caso, Heloísa. Esta, além de escritora do romance, assume o papel de narradora, é também companheira do protagonista. Este capítulo descreve o embate em que o protagonista lida o enfarte enquanto a provocação da morte. Prestes a viajar para o exterior a fim de trabalhar, começa a aparecer uma nova forma aterradora de experiência viva com a morte, ou seja, inicia-se um novo ciclo de enfrentamento da vida de Ruy. Assim, depois do câncer (selo: *língua*), só se pensava em esperar transcorrer o tempo recomendado pelo médico sobre voltar a uma vida estabelecida. Heloísa e Ruy só focavam em preencher tal tempo com novos projetos, inclusive o casamento. Prestes a divulgar mais um dos trabalhos de escrita, o personagem percebeu que não se sentia bem e sua companheira (Heloísa), com quem enfrentou

juntos tantos desprazeres e maus súbitos, ficava atenta a indisposição do homem que, naturalmente, não reclamava de nada da vida, mas o que estava subjetivo foi constatado, o enfarte; o *coração* agora era a emergência com o qual tinha de lidar com a fraqueza e lutar para não ser vencido pelo novo susto.

Neste capítulo, verificamos alguns pontos de recorrência a uma visão que podemos associar a pulsão de morte, como destaca os trechos a seguir:

Estavam no boxe havia quase duas horas quando o médico entrou, muito sério. Era bem jovem. Parecia sem graça, a ponto de pedir desculpas. Os dois se viraram e olharam para ele, rindo. Leves, descontraídos. E ouviram, em silêncio incrédulo, o médico proferiu uma frase que não se encaixava no real, uma frase alienígena, expelida de um planeta distante, cinzento, varrido por ventos intergalácticos, por explosões solares, não de nosso sol, quente e acolhedor, mas de uma estrela muito maior, desconhecida e voraz. Não há dúvida. O quadro é de enfarte. O raio. (SEIXAS, 2014, p.139)

Podemos perceber neste capítulo que a pulsão de morte é abordada no texto quando o personagem Ruy e sua companheira, Heloísa, vão mostrando e reconhecendo que enfrentarão mais uma vez a escuridão da morte. E muitas são as exposições ao longo capítulo que fazem aparecer um sentimento constante de tristeza, podemos dizer até de um certo horror, de que o “filme” da morte estava para reprisar novamente na vida dos dois. Ambos passaram pelos ‘vícios da morte’, de “insinuação” da pulsão que levava Ruy a viver, mesmo no instante de provação. De ter que experimentar o ensaio para aquilo que o levava a inanição, falta de prazer.

No entanto, com base nesse segundo trecho destacado, podemos conferir que a companheira do personagem também se envolve a cada desestabilização e fases de morte deste, pelo processo de finitude da vida, muitas vezes desacreditada por estar envolvida num sentimento naturalizado de angústia.

A forma como Heloísa depõe, narrando minuciosamente as etapas, os detalhes, as ambientações e o que enxerga no companheiro, vivendo ele mais um teste de tensão, é que prova a materialidade dessas pulsões de morte, que até, intuitivamente, está presente na vida dos personagens, e intensamente, na de Ruy. Aqui, assim como há uma constância da morte na vida do casal, impregnado por longos momentos em que tudo parecia encaminhar-se para o estágio final da vida, mas que nunca finda-se, poderíamos associar a ideia de pulsão de vida como forma de equilíbrio a pulsão de morte, ambos imbricados, pois enxergamos um elemento

estruturante que diz respeito a ambivalência das pulsões tanto na situação do casal quanto o discurso psicanalítico. Isto é, a constituição da relação do casal se dá através das forças de vida e morte, tal qual funciona no aparelho psíquico da teoria freudiana.

Para ratificar isso, percebemos que há passagens interessantes que demarcam a representação de uma pulsão de vida, mesmo em momentos de grande preocupação com a questão da morte, externando o prazer que também se vive, mesmo diante da turbidez das fases críticas da vida. Vejamos nos trechos a seguir:

Era um lugar lindo e deserto, como a Ponta da Lagoinha, apenas o mar mais sereno, um oceano imenso. Não fosse por aquela nossa líquida, de um verde profundo, que junto aos rochedos explodia em manchas esbranquiçadas de espuma, não fosse isso, poderiam pensar que estavam na Lua, tal a vastidão de pedra os cercava. Rochas de todas as cores e formatos, acinzentadas, escuras, ásperas, lisas, sobrepostas como lascas coladas, lapidadas como gemas de um país de gigantes. (SEIXAS, 2014, p. 144)

O processo pelo qual o personagem Ruy vive é “involuntário”, pela pulsão que acarreta em desprazer. Concorre para um vazio humano, mas é preciso analisar o aspecto que em detrimento deste processo também é vivido ou sentido não só pelo ‘alvo’ (personagem) da morte, mas também por Heloísa, testemunha da maior parte de cada instante e selos “carimbados”, que é a pulsão de vida em Ruy.

É relevante, pois, expor esse mecanismo presente na narrativa já que pode haver uma interpretação inicial de rotular ou apontar o desprazer/morte como característica geral de um romance que em essência mostra frequentemente a vida e a morte flertando; ora desprazer, ora prazer. Embora forças opostas, não se dissociavam, e é isso que esta obra nos prova.

Poderíamos pensar até aqui que o texto literário (obra), apesar de tratar das impertinências da morte, possui também passagens que atestam e destacam a vida e o prazer sendo impulsionados. É como se pudéssemos utilizar uma imagem metafórica de uma gangorra, para esclarecermos melhor: a cada palpação/nuance de morte que surge na vida de Ruy, surge e/ou insurge também uma força, que tem a austeridade e capacidade de mostrar sua face como contraproposta ou provocação a qualquer tipo de prova de vida (sobrevivência), e a resistência para cada colisão dessas pulsões pode ser encarado na figura de Heloísa, estando a todo

instante companheira, e tendo os trabalhos planejados e iniciados como artimanhas para driblar a morte, ou até mesmo postergá-la, até que concluísse o que se encontrava em andamento.

O sexto capítulo trata de mais uma jornada/fase difícil da vida de Ruy Castro dentre tantas já vividas e vencidas. Esse selo vem falar de algo que nos demais anteriores foi visto ainda de forma genérica, sendo este, a fé; colocada de maneira intensa ou latente na narrativa da vida de Ruy e Heloísa. O lado espiritual se apresenta no plano da vida de Heloísa com mais intensidade; isso é possível perceber ao vê no curso da narrativa uma espécie de entrega da vida ou confiança no divino (invisível aos olhos), na busca da cura, tratando com a fé, o que humanamente viria a ser impossível ou inexplicável.

Embora o selo (enfrentamento da vida para superar a morte) acontecesse no corpo físico de Ruy, o universo se estendia a vida de sua companheira, sendo esta a mulher, pessoa que cuida e também se fragiliza com as pulsões de desprazer. É também neste capítulo que encontramos uma precisão de detalhes na narração e nas autênticas falas do próprio Ruy e da Heloísa, como se desta vez, nesse embate, que agora era o câncer, desta vez na próstata, se instalasse no corpo do personagem com uma agilidade e magnitude que só a morte poderia ter; de querer a todo custo extrair da vida de Ruy o prazer de continuar vivendo em “conformidade” com as armadilhas da morte.

A resistência, descrita desta vez, foi para jogar contra a morte, que instaurando mais um câncer (próstata) no corpo e na vida de Ruy, tendo o sexo como simbologia desta parte máscula, se defrontava agora com a vitalidade individual dele se digladiando com o prazer mais íntimo do ser humano.

Nesse capítulo identificamos que há alguns pontos de recorrência a uma visão que poderíamos associar a pulsão de morte, como destacamos a seguir:

Mais uma vez a vida parecia acontecer para ela assim, aos pedaços, a metade de um ano sempre como uma marca a ser vencida, ou retardada, ou esquecida – ou lembrada para sempre. Seis meses fora o tempo dedicado ao tratamento do câncer de base de língua, o tempo em que ela remoera em silêncio o pavor da morte que considerava curta, antes de ter coragem de perguntar ao médico. Fora também o prazo dado pelo oncologista para que o tumor na garganta voltasse. *Nesse tipo de tumor, quando o problema tem de voltar, volta logo.* E agora, de novo, ela se via diante daquela unidade de tempo que se transformara em símbolo do medo. Uma contagem

regressiva para a transformação. Não sabiam o que ia acontecer. Podia dar tudo certo – ou tudo errado. (SEIXAS, 2014, p. 159)

Podemos perceber, nesse capítulo, um sentimento de desestabilização da vida, sobretudo e não menos importante, no lado de Heloísa, pois parece que o susto, ou a cada susto vivido por Ruy, deixa ela cada vez mais traumatizada, de alguma forma. Os detalhes revelam as tensões e o medo. Cada vez que a morte “bate a porta” da vida de Ruy e, conseqüentemente na de sua companheira, ela revive cada sinal e detalhe da notícia do diagnóstico de uma doença, e toda sua constituição de um processo frágil e desgastante.

Diante das leituras e análises de trechos mais precisos como este acima destacado, parece-nos dizer que o ponto de equilíbrio para superar as provações da morte é a vida do próprio Ruy Castro; embora seja ele o ‘objeto’ passivo de toda a truculência vivida nas diversas ocasiões ou fases do curso da vida, ainda assim ele se mostra sereno e austero diante do momento, dessa forma, conseguindo reagir, buscando suporte (um bálsamo para o momento), seja na arte, seja escrevendo ou rememorando a vida de alguém. O importante é que o “calvário” vivido na própria carne, literalmente, é sentido num movimento menos doloroso ou mais silencioso, talvez como uma estratégia, assim como em todas as outras vezes que esteve frente à morte, como se “admitisse” estar com aquela perturbação, mas que teria de conviver o tempo que fosse para seguir.

Já no caso de sua companheira, Heloísa, a busca pela fé, através da religiosidade ou do espírito religioso, a faz perseverar buscando o divino como norte no invisível aos olhos, a espera de algo, obviamente positivo, vindo a ser inexplicável para àquele que pratica e/ou sente afeição pela fé (divino). Reconhecendo a morte no câncer, e conseqüentemente, na “sequela” deixada por tal tratamento: a impotência, Ruy encara de forma incisiva a tensão ou essa fase de desprazer como algo que para um homem em geral, seria ameaçador a masculinidade, mas para ele, ainda que não encarasse com bons olhos essa consequência específica que fora deixada, tentava reafirmar a vida no prazer que podia usufruir e satisfazer com outras coisas para preencher as lacunas do momento.

Em contraposição a esse prisma da pulsão de morte, há passagens interessantes que demarcam a representação de uma pulsão de vida, externando o

prazer que se pode viver ou buscar, mesmo diante da esterilidade sentida no corpo e na alma. Verifiquemos os trechos a seguir para em seguida analisarmos:

Sentiu um arrepio. Respirou fundo. Por enquanto, teria de ser assim. Mas só por enquanto. Não se deixaria vencer. Revirou o vidro e, com muito cuidado, retirou a agulha que estivera cravada na tampa. Mas, se isso acontecesse, se o problema eternizasse – ainda assim, tinha certeza de que tudo ia ficar bem. A perda não o abateria. Tinha aprendido a abrir mão de muitas coisas que lhe eram caras. Uma vida inteira dedicada a manter o controle, a não se deixar surpreender. A própria ideia de que podia superar uma perda era uma fonte de prazer. Uma busca da onipotência. Sou mais forte do que isso, pensava. E conseguia. Não seria diferente desta vez. (SEIXAS, 2014, p. 163-164)

É interessante dizer que a dualidade entre prazer e desprazer (Eros e Tanatos, respectivamente), se encontram ou se entrecruzam em toda a narrativa dessa autobiografia da vida de Ruy Castro, que mistura realidade e ficção e se encorpa no romance. Como se vida e morte se alimentassem uma da outra, e por este sentido os personagens se reafirmam na vida, mesmo em situações desconexas ou heteronômica com o ‘princípio da normalidade’; o fervor e o vigor de não parar, deram sentido para o seguimento da vida, ainda que o momento fosse de dúvida ou pairasse o terror. O fato é que quando a morte tentava “visitar” Ruy, a cartada deste era feita com a sagacidade de quem era um artista, que procura encontrar na turbulência o âmago da permanência para continuar o fluxo da vida, e neste caso, o suporte foi caminharem juntos (companheiro e companheira), para se camuflar da morte que a todo instante alçava voo na vida principalmente de Ruy, e poderíamos dizer que também na de Heloísa.

No sétimo e último capítulo, o romance parte para descrever um novo desafio, depois de quatro anos em que teve o último conflito com a morte, Heloísa descreve primeiramente a ansiedade dela, a sensação de vigiar o homem a que ela se refere, dia e noite, para se manter alerta a qualquer descompasso. Isso era fruto dos terrores já vividos, de ter lutado contra a morte em inúmeras e diferentes situações.

Este capítulo possui o *cérebro* como símbolo pois é esta a parte do corpo de Ruy até então intocada, mas que se mostra ser a parte e/ou órgão que mais afeta ou

afetou a vida do personagem. Pois era desse ponto que emanavam as ideias do homem (Ruy), que passou tanto tempo dedicado a escrever e fazer do seu saber a “arma” para lutar e/ou enganar a morte. Ele começa a ter uma doença degenerativa do *cérebro*, perda de memória, diagnosticado com uma encefalite provocada por vírus.

Pudemos identificar que há alguns pontos de uma visão que podemos colocar em paralelo a pulsão de morte, como frisa o trecho abaixo:

Depois ela não sabia dizer o que aconteceu primeiro. Foram as duas coisas ao mesmo tempo, talvez. Diante de seus olhos, sentado na poltrona, o homem se crispou, seu corpo chicoteou para trás com uma violência impensável, pernas e braços se esticaram e se retorceram. E, no mesmo segundo, veio o som: um som gutural, um ronco ameaçador, mas também de desespero, como o de um animal feroz que se sabe ferido de morte. Olhos esgazeados, uma espuma de sangue no canto da boca. *Ele está morrendo*, ela pensou. (SEIXAS, 2014, p. 177)

A pulsão de morte é percebida nesses trechos, agora destacados, por mostrar detalhadamente uma situação dolorosa de quem presenciou uma crise convulsiva. A autora narra esses momentos de desespero encarando de forma intensa, chegando a comparar Ruy a um animal, numa fase antes nunca vista por ela, e sem acreditar que o “filme” seria encarado novamente tanto na vida dele, como na dela.

Nessa fase da vida, o personagem reconhece a morte de uma forma diferente de todas as outras, pois já não havia mais vícios, no entanto, depara-se com a fragmentação daquele que foi um dos seus principais vetores de força para a vida, como se fosse um guardião: a saúde mental, parte mais sensível para se manter em equilíbrio, vivo.

Entretanto, há também passagens interessantes que demarcam a representação de uma pulsão de prazer, como se pode verificar a seguir:

Pois é: fui para o hospital nos braços dos foliões. O homem disse a frase com o sorriso aberto. A mulher teve de rir também. Era impressionante a capacidade dele de brincar, sempre. Estavam na UTI da clínica, ele todo ligado a fios, eram sete horas da manhã. Apenas doze horas tinham transcorrido deste a primeira convulsão. E ele, sabendo que a mulher voltaria em casa, pediu: queria que ela trouxesse as provas de seu novo livro, que estava revisando. Ia aproveitar o hospital para trabalhar. Sherazade. Mais do que nunca, Sherazade. Ele estivera a ponto de morrer, sua mente fora atacada –

a mente, o elemento mais crucial na composição daquele homem que às vezes parecia invencível – e ele pensava no livro. O trabalho. A palavra. O prazer. Suas grandes armas contra a morte. (SEIXAS, 2014, p. 183)

Um dos aspectos mais instigantes e interessantes da narrativa que predomina até esse último capítulo é de colocar em contraposição os aspectos recorrentes do personagem junto das sensações de desprazer, de viver lutando para se livrar da morte, nem que fosse em breves momentos, para aliviar o peso da mente de Ruy, este que passa por inúmeras tensões em fases, mas que encontra na escrita, por exemplo, nos trabalhos com biografias, uma transfiguração do real, da própria enfermidade pela qual enfrenta, buscando um “amortecimento” nas letras.

Especificamente, em se tratando desse último capítulo, que tem o *cérebro*, a parte do corpo atingida e, conseqüentemente danificada, o que mais se vê nas passagens em que é nutrida uma pulsão de prazer em meio ao caos, é o reflexo bem-humorado (provando as artimanhas do processo de vida/realidade do próprio Ruy Castro), e estético, na configuração da escrita do romance, com uma narrativa que expõe o paralelo: morte e vida, estando colocada no texto não em atrito, e sim mostrando através das vivências do personagem o que se “vive” num processo de resiliência, e portanto, num equilíbrio de vida, de enxergá-la sob um novo prisma, e porque não dizer: de prazer, mesmo diante do acaso das energias de “iminentes mortes”, ainda assim, de desejar estar na existência terrena, na ativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desta leitura ora panorâmica, ora pontual do romance *O Oitavo Selo: quase romance*, de Heloísa Seixas, o que podemos tomar como conclusivo em um romance inconcluso? Ora, a narrativa chega ao término sem o término de vida do protagonista. A partida de xadrez com a morte continua, e a possível visita do oitavo selo, uma visita final, sabemos que um dia ocorrerá. Seria possível afirmar que o conflito dramático-central, que é a luta de Ruy contra as impertinências da morte é uma constante estrutural na formação do enredo, da organização narrativa proposta pela narradora (e suas variantes) e dos personagens, sempre envolvidos na questão da possível morte do protagonista. Assim, o romance é sustentado, sob diversos aspectos, na luta e nas ambivalências oscilantes entre vida e morte.

Estas forças, de Pulsão de Vida e Pulsão de Morte, no romance, não aparecem como se fossem personagens antagonistas, situações maniqueístas ou elogio a uma das partes, como se essas pulsões fossem representantes do bem ou do mal. Não é isso. Na verdade, elas aparecem ora como agentes de mobilização de afetos interiores (vontades, desejos e anseios), ora como aparição do imponderável da vida (doenças, vícios, perdas).

Percebemos, assim, que se a figura da morte é algo inerente a Ruy, ironicamente, ele convive com ela ao longo de sua vida. Embora seja um personagem heterógeno, ele não sucumbe a total inanição da pulsão de morte. Fato que pode ser observado pela narradora Heloísa. É ela uma das maiores fontes da pulsão da vida do protagonista, a representante do Eros. Outro aspecto que funcionaria como contraponto legítimo dos selos da morte é o lado bem-humorado do escritor Ruy, que entre uma doença e outra, um sorriso e outro, encontra uma forma tragicômica de lidar com todas as situações. Por fim, podemos dizer que o seu trabalho é uma fonte de prazer, e em vários momentos do romance esteve como alicerce seguro contra a derrocada das visitas da morte.

Neste sentido, *O Oitavo Selo* é um romance de cunho autobiográfico, que discute questões existenciais e psicanalíticas que revelam o ser em conjunto com suas ações perante si mesmo e o mundo a sua volta. Por essa direção, compreendemos que ele é uma narrativa bastante complexa, uma vez que traça imagens do agir humano.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Monia Karine e NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello. **O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud.** Revista Subjetividades. vol.15 no.1. Fortaleza, abr. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008. Acesso em nov./2019.

BIRMAN, Joel. Para ler Freud. **As pulsões e seus destinos:** do corporal ao psíquico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHAVES, Ernani. O paradigma estético de Freud. In: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas de Sigmund Freud. Arte, literatura e os artistas.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

EAGLETON, Terry. A psicanálise. In: **Teoria da Literatura:** uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA NETTO, Geraldino Alves. **Doze Lições sobre Freud e Lacan.** Campinas: Pontes, 2017.

FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”); Além do princípio do prazer e outros textos – 1917-1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEIXAS, Heloísa. **O oitavo selo:** quase romance. São Paulo: Cosac Naify, 2014.